



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
IDA - INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

NOS CAMINHOS DA INFÂNCIA:
ESTUDO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO UNIVERSO DE JOGOS,
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE DIFERENTES GERAÇÕES

Márjori de Lima Moreira
Matrícula: 15/0072937

Brasília
1º semestre de 2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
IDA - INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

NOS CAMINHOS DA INFÂNCIA:
ESTUDO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO UNIVERSO DE JOGOS,
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE DIFERENTES GERAÇÕES

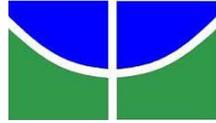
Márjori de Lima Moreira

Matrícula: 15/0072937

Monografia de trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Artes Cênicas/Ida/UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador: **Professor Dr. Jorge das Graças Veloso.**

Brasília
1º semestre de 2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
IDA - INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS

NOS CAMINHOS DA INFÂNCIA:
ESTUDO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO UNIVERSO DE JOGOS,
BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS DE DIFERENTES GERAÇÕES

Márjori de Lima Moreira

Matrícula: 15/0072937

Monografia de trabalho de conclusão de curso apresentada ao Departamento de Artes Cênicas/Ida/UnB como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Banca examinadora constituída pelos professores:

Orientador: Professor Dr. Jorge das Graças Veloso

Professor Dr. Jonas Sales
Universidade de Brasília - UnB

Professor Me. Tiago de Brito Cruvinel
Instituto Federal de Minas Gerais – IFMG

Brasília
1º semestre de 2017

Dedico este trabalho a todas as crianças.

As que já foram e as que ainda o são.

E a suas infâncias coloridas a sua cor, forma e singularidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Brasília, e ao Departamento de Artes Cênicas dessa Universidade, e aos professores com os quais tive a oportunidade de encontrar, por me receberem de braços abertos, e por colaborarem para a continuidade e conclusão dos meus estudos na Licenciatura em Artes Cênicas. Especialmente ao meu orientador, professor Graça Veloso, por ser grande fonte de inspiração, motivação, sabedoria. Por acreditar em mim, mais do que eu mesma, e me fazer enxergar a boniteza do tema que escolhi. Por me mostrar o real significado da frase “fique bem”, em traduzi-la como “eu estou aqui se você precisar. Conte comigo”.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aos professores do Departamento de Arte Dramática da UFRGS, pelo conhecimento, pelo apoio e carinho que me dedicaram em todos os anos do ensino em Teatro, e que me foi demonstrado também quando precisei partir em meio a uma transição no meio do percurso. Um agradecimento especial à professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos, que me fez enxergar a minha proximidade com o universo infantil, ainda nos primeiros anos de Licenciatura, e à professora Celina Alcântara pelo carinho, disponibilidade e auxílio em diversos momentos.

À minha família, companheiros de vida, minha base. Pela torcida, apoio constante e acolhimento repleto de amor. Em especial a minha Mãe, Rose Moreira, a principal responsável pela criação deste trabalho de conclusão de curso, aquela que sempre alimentou o meu ser lúdico, por ser tanto para mim e na minha vida, pessoal e profissional, por ser meu maior e melhor exemplo de professora. Ao meu Pai, Tailor Moreira, aquele que posso contar sempre, grande incentivador, obrigada por demonstrar sempre o teu orgulho e crença nas minhas escolhas. À minha doce “jabuticabinha” Amanda Moreira, a criança que pedi com tanto amor que viesse para ser minha companheira, e que hoje em dia é meu maior orgulho. Ao meu super parceiro nessa vida, meu esposo Igor Isquierdo Celeste, pessoa incrível pela qual tenho enorme admiração. Obrigada por ser meu ombro amigo, abraço-casa e minha força no dia-a-dia.

Um “agradecimento” especial ao fiel Luke, filhote canino, companheiro das tardes de escrita desse trabalho de conclusão. Aquele que me ensina diariamente que para a brincadeira não tem hora.

Ao amigão e grande professor de Teatro, William Molina. Obrigada pelas trocas, parcerias e incentivos, quer fossem virtual ou pessoalmente.

À professora Ana Carolina Conceição que docemente me guiou durante a realização dos meus estágios, aos alunos e demais professores do CED 1 do Cruzeiro. Ao professor e diretor Tullio Guimaraes, pela generosidade em abrir as portas de seu tão estimado grupo Viva a Vida para a minha pesquisa. E a seus atores, tão maduros por fora, mas de alma e passos leves. Obrigada por me permitirem o compartilhamento de suas memórias.

Aos meus alunos da Bailacci Academia de Danças, pela alegria contagiante no estarmos juntos, e no brincar-teatrando, teatrar-brincando.

A todos que se dispuseram abrir um pouco do seu baú pessoal e compartilhar comigo histórias, experiências, vivências de suas infâncias, agradeço profundamente com muito carinho.

À Soka Gakkai Internacional, Organização a qual faço parte com muito orgulho, propagadora da tríplice: Paz, Cultura e Educação, filosofia e ideologias que acredito e pretendo levar comigo no meu caminho na educação. Ao meu mestre de vida, Dr. Daisaku Ikeda, pelos ensinamentos, incentivos e direcionamentos diários, me guiando para que eu possa ser um ser humano de reais e verdadeiros valores.

Por fim, e não menos importante, agradeço a minha infância, que foi a melhor que eu poderia ter, e que por isso me moveu a chegar até aqui.

RESUMO

Esta monografia apresenta um estudo sobre infâncias de diferentes gerações, que são delimitadas por diferentes espaço-temporais dos narradores com quem dialoguei e suas narrativas, relatando a produção de sentidos das crianças do hoje e de outras épocas. Em diálogo com pensadores que se voltam para esse tempo de nossas vidas, a pesquisa se deu sob forma de observação e entrevistas, que além de acontecerem através do contato direto com esses narradores, deram-se também via redes sociais como Facebook e WhatsApp, com foco nos jogos, brinquedos e brincadeiras, trazidos através das narrativas desses infantes. Traça um pequeno panorama sobre o surgimento da infância, colocando em destaque as noções de culturas infantis, buscando um olhar sociológico para esse grupo, como forma de comprovação do mesmo como produtor de sentidos sociais. Como uma investigação introdutória a estudos que se pretendem aprofundados no campo das artes do espetáculo, o trabalho é resultado de observações sobre a cena produzida em jogos e brincadeiras desses brincantes.

Palavras-chave: Jogos. Brinquedos. Brincadeiras. Culturas de infância. Teatralidades.

*Toda criança tem uma vida secreta
Longe dos adultos.
E assim, no verão ou na neve,
não fazia diferença, eu escapulia
para uma das verdes salas do trono
na floresta, e lá eu desatava
os mil cordões dos sapatos de ferro,
fazia força para abrir os canos altos e duros,
e arrancava aqueles sapatos de duzentos quilos
que poderiam atingir e matar uma mula.
E então eu só ficava ali sentada,
uma menininha cantando alto lá-lá-lá
enquanto meus pés balançavam descalços, a escutar.
(A Ciranda das Mulheres Sábias – Clarissa Pinkola Estés).*

SUMÁRIO

ABRINDO OS CAMINHOS DO BRINCAR: SE ESSA INFÂNCIA, SE ESSA INFÂNCIA FOSSE MINHA.....	10
1. UMA ESTRADA FEITA DE PEDRINHAS COR DE INFÂNCIA.....	16
1.1 O SURGIMENTO DO ARCO-ÍRIS.....	16
1.2 O CAMINHO DE TIJOLOS AMARELOS.....	18
1.3 UM VERMELHO COR DE NARIZ DE PALHAÇO.....	20
1.4 NAS TRILHAS DE UM UNIVERSO MULTICOLORIDO.....	22
2. TECENDO HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS PASSADAS E PRESENTES.....	25
2.1 IMAGINANDO FÁBULAS.....	26
2.2 ROMANCEANDO VIDAS.....	31
2.3 NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS.....	34
2.4 CONTANDO CAUSOS, NARRANDO HISTÓRIAS.....	35
3. PARA FECHAR, ABRINDO ASAS PARA FUTUROS VOOS.....	45
4. REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE 1.....	51
APÊNDICE 2.....	52

ABRINDO OS CAMINHOS DO BRINCAR: SE ESSA INFÂNCIA, SE ESSA INFÂNCIA FOSSE MINHA...

“A toca do coelho dava diretamente em um túnel, e então aprofundava-se repentinamente. Tão repentinamente que Alice não teve um momento sequer para pensar antes de já se encontrar caindo no que parecia bastante fundo”.

Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll.

Ao ouvir a frase: “Vocês devem respeitar as suas trajetórias”, proferida pelo professor Jorge das Graças Veloso em sala de aula, o tema desta pesquisa acendeu como uma lâmpada e gritou em mim a vontade de investigá-lo. Falar da infância é algo que me toma com muito carinho. Lembro da minha infância, da criança que fui, e da criança que ainda habita em mim como a parte mais lúdica do meu ser. Nenhuma infância é igual a outra, e isso desperta em mim uma grande curiosidade.

Respeitando e rememorando a minha trajetória enxergo a criança que fui, vejo a menina moleca, nascida na cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul, onde por lá mesmo viveu a infância. Fui uma criança que, como todas as crianças, não via o tempo passar enquanto brincava. A brincadeira parava o tempo e eu dava asas à minha imaginação. Inventava as mais diversas formas de brincar, fosse coletivamente ou sozinha, num cantinho qualquer que poderia se tornar um grande achado. Sou de uma época na qual muitos brinquedos já chegavam prontos em minhas mãos, mesmo assim não deixei de criar novos brinquedos com caixas de papelão, isopor, argila. Essas criações davam-se muito pelo incentivo e proposições que minha mãe fazia. Lembro também que, no jardim de infância, eu, aluna da minha mãe, esperava ansiosa pelos momentos nos quais usaríamos as fantasias. Esses figurinos ficavam guardados em uma sala da escola que parecia um guarda-roupa cheio de trajes dos mais diversos. Todos os alunos esperavam pelo dia de ser algum personagem dentro de uma daquelas roupas. Eu queria sempre ser uma personagem diferente da outra, e isso se reflete nos dias de hoje, na minha profissão, ao vestir um personagem diferente a cada trabalho de atuação.

Minha mãe, remetida à sua infância, fala dos brinquedos que ela e seus quatro irmãos construíam. Ela inventava peças de teatro criando roteiro, distribuindo personagens e figurinos (que eram as roupas dos meus avós e da minha bisavó) aos irmãos. Quando questionada em relação à esta fase da sua vida, ela narra a criança que foi com muito carinho. E fala que a ludicidade¹ influencia diretamente no seu ofício como professora de artes, no qual ela se permite criar, inventar, propor aos alunos que eles exercitem a imaginação e, juntamente com eles, ela se reinventa enquanto educadora e enquanto ser lúdico pulsante que nunca deixou de ser.

Quando pergunto sobre a infância às minhas avós, elas sempre relatam que elas próprias costuravam as suas bonecas de pano. Mas em seus relatos percebo que, principalmente a minha avó paterna, não relata uma infância de muitos “brincades”. Ainda criança minha avó paterna, a filha mais velha de três irmãs, tinha que ajudar a minha bisavó nos afazeres domésticos, e no emprego na casa dos patrões cuidando de outras crianças. Talvez por isso a minha avó demonstrava certa timidez quando convidada a brincar durante a minha infância e a de minha irmã. O brincar para ela não soa como algo familiar, não a deixa à vontade, é como se algo até hoje a segure e não deixe a criança dela fluir.

A caçula da família, minha irmã, já chegou nesse mundo quando os computadores começavam a sua ascensão. Mesmo assim, ela brincou muito de boneca, participava das minhas propostas de brincar, também se vestia com minhas roupas e roupas dos nossos pais para, fazer de conta, ser outro alguém. Mas a infância dela tem um registro maior com jogos eletrônicos do que a minha. E isso não faz a minha meninice melhor ou pior que a dela, nem a de ninguém. E é aqui que chegamos a um dos pontos desta pesquisa: não pretendo julgar uma infância melhor do que a outra. Sei que são épocas e pessoas diferentes, e é exatamente isso que me motiva e me faz querer saber mais sobre o assunto.

Uma das minhas inquietações é saber onde encontra-se a ludicidade depois que nos tornamos adolescentes e adultos. Sob que aspectos elucidamos e demonstramos que há algo remanescente da infância em nós? Como fica a

¹ Não aprofundarei aqui as noções de ludicidade, pois tendo em vista que essas mereceriam um estudo mais profundo e maior do que o tempo da monografia permite.

qualidade do lúdico após o adulecer? Entretanto não pretendo deixar de lado a infância do hoje, até mesmo para visualizar como são as produções de sentidos colocando em voga a atualidade. A criança de hoje brinca de quê? Como esta criança brinca? Quais são as diferenças mais significativas da produção de sentido estético de antigamente para hoje em dia?

Por vezes tendemos a caracterizar a infância que vivenciamos na melhor de todas as épocas. Por que tendemos a pensar nisso? Muito provavelmente é porque não estamos inseridos em outra infância que não a nossa mesma, e isso a torna especial. Parece haver a desqualificação do presente porque idealizamos um período infantil perfeito. Porém, o que deve ser levado em conta é que para quem está inserido em sua vivência, ela, muito provavelmente, é perfeita do seu jeito, no seu tempo, com suas experiências, criando novas e reinventando antigas brincadeiras.

A busca pelos brincantes² de épocas passadas e a curiosidade acerca dos pequenos de hoje em dia são o fio condutor deste estudo. As infâncias passadas estão guardadas nas memórias dos adultos, tratam-se de produções imaginárias, enquanto que a da criança de hoje não é outra que não a dela mesma, situada na produção estética do agora. Aos que já passaram pelo período da puerícia, quando se começa a falar dessa fase as lembranças começam a aparecer, levando na maioria das vezes à nostalgia. Mas a infância só deixa na gente uma caixinha de lembranças com boas recordações? Ou será que seus resquícios vão além? De acordo com as pesquisas as quais realizei dentro desse estudo, a resposta seria não. Não são apenas as boas lembranças que ficam. Ainda que seja muito raro, algumas pessoas colocam alguns desconfortos na infância como o que primeiro lhes veem à mente ao falar sobre esta fase da vida.

O referente estudo busca mostrar como essas produções de sentidos são importantes, e como cada qual ao seu tempo irá trazer informações, memórias, imagens e histórias que vêm acrescentar esta pesquisa.

² Termo recorrente nas manifestações expressivas brasileiras. Aqui estou usando para falar de indivíduos dentro do universo de jogos, brinquedos e brincadeiras na infância, compreendendo uma designação para todas as idades.

No primeiro capítulo abordo a visão histórica da criação da infância, situando o leitor a respeito da criação da infância na Europa após a Revolução Industrial, no final do Século XIX, acompanhando suas transformações, até chegar ao contexto atual, tratando também das múltiplas concepções que há em se tratando da infância. Esse capítulo irá tratar também da questão das culturas da infância, que como Ângela Borba coloca:

(...) um dos eixos que compõem o conjunto das pesquisas que vem sendo realizadas no campo, contribuindo para a sua legitimação: a noção das culturas da infância. Essa noção tem sido produzida através de pesquisas de cunho etnográfico que focalizam as ações e relações sociais entre as crianças, buscando revelá-las como atores sociais, e como grupo de idade, capazes de agenciar suas próprias ações sobre o mundo e, mais particularmente, criar e nutrir suas culturas de pares (BORBA, 2005, p. 20).

Ainda no primeiro capítulo constam noções de jogos através da visão de autores como Huizinga, Winnicott e Sarmiento, além de trazer a figura de Mestre Zezito, personagem que fincou raízes no Distrito Federal, e que corroborou durante muitos anos para que a produção de brinquedos e brincadeiras se perpetuasse entre muitas gerações.

O Capítulo 2 descreve o estudo sobre as produções de sentido entre as infâncias pesquisadas, contando com as experiências de observações e entrevistas. São diferentes gerações narrando fatos e vivências sobre as crianças que foram, ou as que ainda são, e falando sobre brinquedos e brincadeiras. Os infantes pesquisados não precisavam de nenhum critério pré-estabelecido, nem seguir qualquer tipo de padrão. Estar disponível para o diálogo foi o que contou, e com isso soma-se a grande diversidade que encontrei. São pessoas de diferentes classes sociais, lugares diversos e idades variadas. As crianças do hoje³ ouvidas nesse trabalho alguns são filhos de amigos meus, e os da faixa etária de 7 a 11 anos são meus alunos de teatro da Bailacci Academia de Danças, escola localizada em Brasília. Os adolescentes⁴ foram alunos do 3º ano do Ensino Médio, da Escola CED 1 do Cruzeiro, para os quais ministrei aulas durante a disciplina de Estágio 2 em docência, durante o segundo semestre de 2015. Os entrevistados que se encontram na fase adulta⁵ foram

³ Faixa etária dos entrevistados é de 4 a 11 anos.

⁴ Faixa etária dos entrevistados é de 16 a 19 anos.

⁵ Faixa etária dos entrevistados é de 20 a 40 anos.

abordados através das redes sociais WhatsApp e Facebook. E os idosos⁶ são alunos/atores do grupo de teatro Viva a Vida, que conta com a direção de Tullio Guimarães.

Algumas fotos servirão como ilustração ao longo desse capítulo, para tanto foi estabelecido um acordo público para com os adolescentes e idosos que fizeram parte da pesquisa, no qual eles autorizaram a utilização das fotos registradas durante as aulas. Para o compartilhamento da foto das crianças foi realizada uma autorização por escrito pelos pais dos alunos.

Penso que todos possuímos resquícios da infância e que de alguma forma, sob alguma circunstância, expusemos nosso lado lúdico que herdamos desse período de nossas vidas. Visando a importância de discutir a questão do jogo na infância e sua repercussão após esse período, uma das minhas referências para a pesquisa é o autor Johan Huizinga, que em seu livro de filosofia denominado *Homo Ludens*, coloca:

O problema que aqui nos interessa é o seguinte: em que medida a cultura atual continua se manifestando através de formas lúdicas? Até que ponto a vida dos homens que participam dessa cultura é dominada pelo espírito lúdico? (HUIZINGA, 2000, p. 140).

Sob proposições de debates ao final de cada encontro com os adolescentes que participaram das aulas que ministrei dentro da disciplina de Estágio de Regência em Artes Cênicas 2, o objetivo foi o de (re) conhecer as motivações que movem os participantes da pesquisa, principalmente no que se trata dos estímulos advindos do universo infantil de cada um e que faz com que ocorra a exposição da ludicidade. Eis o casamento perfeito para a concretude da minha pesquisa: teatro e infância. Através das aulas de teatro propor que cada um volte a si recordando a criança, a infância, bem como incentivar a auto-avaliação de encontrar os elementos lúdicos presentes em suas vidas e com as crianças de hoje perceber o que se transformou e o que permanece. Consegui realizar esse objetivo como pretendido apenas com a faixa etária dos 16 aos 19 anos, experiência essa que será narrada no capítulo 2 desse estudo.

Rousseau (1762) acreditava que a primeira educação da criança deveria ser quase que inteiramente pelos jogos. Dizia algo que faz jus à espontaneidade da criança, da sua capacidade de se “atirar” em tudo

⁶ Faixa etária dos entrevistados é de 50 a 90 anos.

com dedicação e liberdade e que pode servir no processo do ator e no ensino do teatro (CRUVINEL, 2015, p. 89).

Essa monografia, além de ser um trabalho de conclusão de curso, ela é também um início de estudos futuros voltados a teatralidades e espetacularidades⁷, o qual será realizado futuramente em mestrado e doutorado. Como forma de aprofundar essa pesquisa e, assim como Tiago Cruvinel estuda o universo infantil com foco no cinema, eu pretendo direcionar esse diálogo e estreitar as relações no âmbito teatral.

⁷ A cena que se pretende analisar futuramente com maior profundidade, e por aqui se mostra apenas mais introdutória, segue a definição de cena extraordinária, cena extra cotidiana, a qual se encontra na noção trazida pela Etnocenologia.

1. UMA ESTRADA FEITA DE PEDRINHAS COR DE INFÂNCIA

A infância, entendida como algo outro, não é o que já sabemos, mas tampouco é o que ainda não sabemos. O que ainda é desconhecido justifica o poder do conhecimento e inquieta completamente a sua segurança. O que ainda não sabemos não é outra coisa senão o que se deixa medir e anunciar pelo que sabemos, aquilo que o que sabemos se dá como meta, como tarefa e como itinerário pré-fixado.

Jorge Larrosa.

1.1 – O SURGIMENTO DO ARCO-ÍRIS

O que realmente sabemos sobre a infância? Jorge Larrosa (2016, p. 184) propõe em seu pensamento com o qual abro este capítulo, que reflitamos sobre o seu entendimento de acordo com estudos já realizados. Pensar que muito se sabe, é diminuir a capacidade de nos surpreendermos em novas e, cada vez mais, atuais descobertas, é reduzir tamanho potencial que tal geração carrega em si. A meu ver a infância é aquela “metamorfose ambulante”, como diz a música cantada por Raul Seixas, e para tanto se faz necessário inquietações permanentes diante deste tema.

E se a presença enigmática da infância é a presença de algo radical e irredutivelmente outro, ter-se-á de pensá-la na medida em que sempre nos escapa: na medida em que inquieta o que sabemos (e inquieta a soberba da nossa vontade de saber), na medida em que suspende o que podemos (e a arrogância da nossa vontade de poder) e na medida em que coloca em questão os lugares que construímos para ela (e a presunção da nossa vontade de abarcá-la). Aí está a vertigem: no como a alteridade da infância nos leva a uma região em que não comandam as medidas do nosso saber e do nosso poder (LARROSA, 2016, p. 185).

Na etimologia da palavra infância, encontramos a seguinte origem: no latim *infantia*, do verbo *fari* =falar (*fan* = falante), e *in* refere-se à negação do verbo falar. Portanto, *infans* significa “indivíduo que ainda não é capaz de falar”. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) consta, em seu Art. 2º, que são considerados crianças indivíduos com até doze anos incompletos.

Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade (Lei 8.069/90, Art. 2º).

A infância não existiu desde sempre, ela foi criada na Europa, logo após a Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, como forma de suprimir do mercado aqueles que menos produziam na indústria, ou seja, as crianças. Dialogando com Tiago Cruvinel, podemos ver que:

A construção social, imaginária e psicológica da infância de que temos consciência na atualidade foi um longo caminho percorrido e reivindicado por grandes pesquisadores, educadores e estudiosos da criança, recorrentes sobretudo nos estudos da Psicologia, Pedagogia, Antropologia da Criança e da Sociologia da Infância (CRUVINEL, 2015, p. 30).

Segundo alguns estudos, incluindo os de Cruvinel, muitos consideram os escritos do historiador francês Philippe Ariès como pioneiros a analisar a construção do sentimento de infância, ainda que muitos indiquem a análise de Ariès como pouco profunda (CRUVINEL, 2015, p. 30), é através de suas noções que reconhecemos os traços do princípio da fase da puerícia.

Historiadores apontam para indícios da infância na Idade Média, porém, segundo o crítico social norte-americano, Neil Postman:

(...), acho que é justo concluir que os gregos nos deram um prenúncio da ideia de infância. A exemplo de tantas ideais que aceitamos como parte de uma mentalidade civilizada, devemos aos gregos esta contribuição. Eles certamente não inventaram a infância, mas chegaram suficientemente perto para que dois mil anos depois, quando ela *foi* inventada, pudéssemos reconhecer-lhe as raízes (POSTMAN, 2012, p. 22, grifo do autor).

Cruvinel, ainda citando Postman, ressalta que para os gregos não havia nenhuma palavra que designasse *criança*. Para tanto, utilizavam uma expressão ambígua que poderia fazer referência a qualquer pessoa que se encontrasse entre a infância e a velhice.

Contudo, ainda segundo ele, embora pudesse haver essa ambivalência ao se tratar da natureza da infância, os gregos eram resolutamente apaixonados por educação e, onde quer que haja escolas [ginásios, colégios de efebos, escolas de retóricas, escolas elementares], há consciência, em algum nível, das peculiaridades das crianças (CRUVINEL, 2015, p. 33).

Em relação a nomenclatura da palavra *criança*, esta foi se transformando com o tempo, e até mesmo a questão das diferentes fases dentro da infância aos poucos foram encontrando as devidas denominações. Aqui não aprofundarei

essa questão, mas a mesma se encontra bem esclarecida no livro de Tiago Cruvinel, já citado.

1.2 – O CAMINHO DE TIJOLOS AMARELOS

É muito comum ouvirmos adultos tratando das crianças, ou da infância como seres, ou períodos deficitários, defendendo que há exiguidade de saberes, de experiências, de profundidade no que se refere a uma comparação com a fase adulta. Que há diferenças entre essas fases não se pode negar, como coloca Sarmiento, o que não promove a afirmativa de *déficits* na relação entre gerações.

O conceito de “culturas da infância” tem vindo a ser estabelecido consistentemente pela Sociologia da Infância como um elemento distintivo da categoria geracional. Por esse conceito entende-se a capacidade das crianças em construir de forma sistematizada modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção (CORSARO, 1997 *apud* SARMENTO, 2002).

Alguns pesquisadores da infância vêm observando, em seus estudos, que essa temática possui diversas camadas, e que se engana quem trata do período infante como uma tábula rasa, sem profundidade de saberes. Pois estes, além de utilizarem-se de uma visão adultocêntrica, desconhecem que essa é uma faixa etária deveras riquíssima em sua produção de sentidos. Falar das crianças é algo muito sério e de muita responsabilidade. E quem fala sobre os infantes são adultos, o que acaba por tirar, de certa maneira, a autoria dessa geração, ainda que muitos autores venham trabalhando a legitimidade do discurso das crianças e dando a elas, respeitosamente, o devido lugar como criadores e formadores da sociedade. Corroborando com esse pensamento, coloco nas palavras de Larrosa (2016, p. 186) “Trata-se aqui, então, de devolver à infância a sua presença enigmática e de encontrar a medida de nossa responsabilidade pela resposta, ante à exigência que esse enigma leva consigo”. A pesquisadora Angela Meyer Borba, coloca em sua tese na qual fala sobre as culturas da infância que o princípio que a motivou a escrever sobre este tema foi um objetivo sociológico.

(...) buscando romper com as visões tradicionais de infância e de criança que, a partir de uma perspectiva biologizante, a reduziam a um ser em devir, em processo de desenvolvimento, que se tornaria futuramente um

adulto competente. A criança, nessas visões, é vista pelo que não é – in-competente, i-matura, i-razional -, e pelo que lhe falta em relação ao adulto (BORBA, 2005, p. 19).

A legitimidade do ser infante enquanto ser no mundo, e nas suas percepções, representações e significações, como coloca Manuel Sarmiento (2002, p. 4), vem ganhando cada vez mais voz e vez. O conceito de culturas da infância vem grifando o fato de que “[...] As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade” (SARMENTO, 2002, p. 4).

Angela Borba cita as pesquisas de Larrosa e as ressignificações que seus estudos sofreram diante de tantas descobertas que o universo da infância propicia.

Para tanto, como indica Larrosa, foi necessário rever/desconstruir muitas certezas que guiam grande parte dos estudos e pesquisas legitimadores dos saberes dominantes sobre a infância e sobre as práticas junto as crianças, os quais tem nos levado muito mais a enquadrá-las nas suas margens do que propriamente compreender a alteridade da infância, a sua absoluta heterogeneidade em relação a nós e ao nosso mundo, sua absoluta diferença (LARROSA, 1999 *apud* BORBA, 2005, p. 15).

Inferindo em observações pessoais, percebo que as crianças se permitem à imaginação muito mais que os indivíduos que se encontram em outras fases da vida. Os adultos colocam veementemente o acúmulo de experiências concretas em frente ao imaginário, e os idosos tendem a voltar à produção de sentido da imaginação com o passar do tempo, ainda que não se equivalham à produção dos infantes. Se imaginarmos um gráfico dessa situação, na infância nossa imaginação é muito maior que nossa experiência, ao que a curva desse gráfico vai se modificando na fase da adolescência, diminuindo em imaginação e aumentando em experiência. Na fase adulta já adquirimos mais experiência em relação à imaginação, que vai crescendo gradativamente até a fase da velhice. Porém ao chegarmos nessa última fase imaginação e experiência podem equivaler-se. O professor Graça Veloso citou em um de nossos encontros que essas observações fazem parte de seu estudo sobre a diferença entre a representação cênica de adultos e crianças, no qual ele justamente aponta para esse estudo comparativo do imaginário. Nesse sentido, trago duas reflexões:

É na contemporaneidade, tempo do direito ao sonho e ao devaneio pela ação do reencantamento do mundo, que o homem de hoje se sente mais confortável e se reconhece. [...] Esse reencantamento se dá através da ação do imaginário, poderoso elemento constitutivo do estar-junto fundamental (VELOSO, 2009, p. 85).

E ainda:

As crianças, por sua vez, são artistas natos, como dizia Picasso, e estão com seu músculo da imaginação ativo e disponível para o novo, sempre dispostas a brincar. Talvez por isso, Nachmanovitch (1993) tenha dado tanta importância às crianças; e não só ele, muitos outros autores estão querendo nos dizer que existe uma criança dentro de nós, que sabe brincar, que está disponível e pronta para ativar o seu músculo da imaginação, músculo este que não é físico, mas que existe e que deve ser reativado, por meio do treinamento, nos processos criativos (CRUVINEL, 2015, p. 88).

1.3 – UM VERMELHO COR DE NARIZ DE PALHAÇO

Esta pesquisa se funde com o fazer teatral, na medida que penso ser o teatro um grande propulsor da produção da imaginação.

De acordo com Winnicott (1975), o jogo é constitutivo do processo de formação cultural e o espaço do jogo simbólico, que o bebê pratica e depois dele a criança e o adulto, a “terceira área” da mediação entre espaço interior e o mundo objectivo. Brincar não é, portanto, exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. Uma diferença importante, porém, é que as crianças brincam, continua e devotadamente e, ao contrário dos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias (entre o ócio e o negócio ou entre o lazer e o trabalho) não fazem distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério (SARMENTO, 2002, p. 12).

Durante a pesquisa fui apresentada ao trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Denildson de Oliveira Soares, o qual nos apresentava com um personagem que proporcionou diversas brincadeiras, e até mesmo ensinou para muitas crianças e adultos a fabricarem seus próprios brinquedos. Este personagem é Mestre Zezito, que juntamente com o mestre Edinaldo, fundou a Associação Castelinho Cultural Ninho dos Artistas – ACULNA. Local que realiza um trabalho muito significativo, acolhedor e apaixonante que acontece no município de Águas Lindas de Goiás.

Fundada por Edinaldo Paulo de Azevedo a Associação Castelinho Cultural Ninho do Artista – ACULNA surgiu de forma espontânea, a partir

da união de artistas que desenvolviam alguns trabalhos imbuídos de significações culturais, relacionados ao circo e as artes plásticas, com o desejo de ultrapassar os modismos e voltar-se para a cultura de raiz e as identidades originais nordestinas (SOARES, 2012, p. 11).

A figura do Mestre Zezito contribui para essa pesquisa como forma de ressaltar a prática da construção de brinquedos (algo pouco comum nos dias atuais), uma ressalva a arte do brincar, bem como dar continuidade e ressignificar olhares sobre jogos, brinquedos e brincadeiras trazidos por José André dos Santos, mais conhecido como Mestre Zezito. Um artista plástico cearense que desde cedo demonstrava aptidão pelos brincares e fabricação de seus próprios brinquedos:

(...). Aos dez anos de idade produziu seu primeiro brinquedo, um carrinho com uma lata de sardinha. O carrinho despertou em outros meninos o desejo de ter um brinquedo igual, fato que motivou o Mestre a produzi-los e vendê-los aos colegas. Em pouco tempo começou a fazer brinquedos que eram vendidos aos sábados na feira livre de Juazeiro do Norte (SOARES, 2012, p. 23).

Mestre Zezito e Mestre Edinaldo uniram forças e, através da arte circense e das artes plásticas, proporcionaram para crianças e jovens carentes do Distrito Federal e Entorno momentos de alegria e amor, pois segundo ele: [...] o palhaço tem o poder de ampliar o riso da Terra e estancar na pessoa que ri o curso da violência (SOARES, 2012, p. 27). Mas o motivo que faz com que Mestre Zezito entre como fonte de estudo desse trabalho é o fato de ele propor a fabricação de brinquedos juntamente com crianças, jovens e adultos dentro da ACULNA.

Os diferentes tipos de brinquedos fabricados pelo mestre Zezito e seus aprendizes eram confeccionados a partir de material recolhido em lixos ou doados por pequenos comerciantes, e posteriormente estes brinquedos eram comercializados por preços bem abaixo do valor de mercado (...). Na ACULNA, Mestre Zezito ensinava os jovens a criarem bonecos de papel marchê e de espuma, carrinhos de sucata, fantoches, as matracas⁸, róis-róis⁹, carrapetas¹⁰, etc. Em suas mãos, a partir da madeira inútil, da tampinha de refrigerante jogada fora e do ferro velho nasciam brinquedos que estimulavam a criatividade e as habilidades manuais. Ele ensinava os jovens a fabricarem uma infinidade de

⁸ Brinquedo infantil que imita o som da matraca (SOARES, 2012, p. 27).

⁹ Brinquedo sonoro confeccionado com uma caixinha cilíndrica, de pequena altura, forrada com papel ou tecido e fechada numa das extremidades com papelão, onde se fixa um barbante encerado com breu, preso a um pequeno pedaço de madeira (SOARES, 2012, p. 27).

¹⁰ Tipo de pião artesanal que era muito utilizado por crianças pobres do interior do nordeste, fácil de fazer e que para rodopiar não precisa de ponteiras, visto que é acionado através da fricção entre os dedos médios (SOARES, 2012, p. 27).

brinquedos que nos remetem aos mais variados estados brasileiros (SOARES, 2012, p. 27).

Durante o período de quinze anos, Mestre Zezito se dedicou a passar adiante seus ensinamentos sobre a criação de brinquedos, seja em oficinas, palestras, cursos. Foram muitos os aprendizes que passaram por ele, e que hoje em dia dão continuidade ao seu trabalho, quer seja na própria ACULNA, em escolas, bibliotecas, na comunidade de Águas Lindas de Goiás ou em outras diversas partes do Brasil, seu legado perpassa, hoje em dia, muitas regiões do nosso país. E com isso, Mestre Zezito contribuiu para o brincar, reavivando a arte de fabricar os brinquedos, algo que já foi muito comum, mas na atualidade vemos em uma esmagadora maioria os brinquedos industrializados tomando a frente das preferências infantis.

1.4 – NAS TRILHAS DE UM UNIVERSO MULTICOLORIDO

Johan Huizinga (1872 – 1945) apresenta a sua visão de que: “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve” (HUIZINGA, 2000, p. 3). Seguindo essa convicção, podemos dizer que o estado de jogo que pode ser observado entre os infantes se apresenta como forma representacional desse grupo. Sendo que dentro de uma estrutura estabelecida pelos mesmos, estão presentes as suas visões de distribuição de funções, dentro dos jogos e brincadeiras por eles desenvolvidos, que refletem o modelo da sociedade. No segundo capítulo desse estudo tratarei desse assunto com base em observações de brincantes da atualidade.

Uma das minhas maiores motivações em realizar essa pesquisa foi o encantamento ao presenciar, enquanto ministrante de aulas de teatro, a capacidade lúdica inerente a todos os indivíduos que parece desabrochar a partir da mediação de uma aula teatral. A produtividade imaginária que percebemos sem muito esforço nas crianças, se estimulada, pode ser percebida em qualquer indivíduo, de qualquer faixa etária, que se coloque disponível para essa produção de sentido.

Para que haja um reconhecimento de ser e estar no mundo, é determinante a valorização da cultura de pares, visto que através dos pares os indivíduos adquirem a legitimidade diante da sociedade. O reconhecer-se no

outro. Uma das formas das crianças se colocarem no mundo, reafirmando as suas questões sociais é através da brincadeira. Michel Maffesoli trata da questão do imaginário como uma aura coletiva, um vínculo que une grupos, identifica povos e, como ele mesmo registra, não pode ser algo individual.

Para mim, sem tentar precisar a posição de Gilbert Durand, só existe imaginário coletivo. Por isso, falei na idéia de aura, de Walter Benjamin. O imaginário é algo que ultrapassa o indivíduo, que impregna o coletivo ou, ao menos, parte do coletivo. O imaginário pós-moderno, por exemplo, reflete o que chamo de tribalismo. Sei que a crítica moderna vê na atualidade a expressão mais acabada do individualismo. Mas não é esta a minha posição. Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual (MAFFESOLI, 2001, p. 76).

Ver as crianças e aceita-las como atores sociais, legítimas contribuidoras e formadores do meio social, é um dos principais, se não o principal, objetivo que a sociologia da infância vem tratando há algum tempo, e que os teóricos com os quais eu venho dialogando neste estudo apontam para este mesmo rumo, no qual eu também prefiro seguir. Sandro Vinícius Sales dos Santos (2014, p. 7), citando Sarmiento (2005, p. 374) destaca que “[...] a desconstrução do conceito de ‘socialização’ é inerente à emancipação da infância como objecto teórico e à interpretação das crianças como seres sociais plenos, dotados de capacidade de acção e culturalmente criativos”.

O estudo das culturas da infância enfatiza a importância da sua emancipação dos demais grupos, salientando a construção social por parte de seus pares.

A proposição de compreendermos a infância nos seus próprios termos coloca algumas indagações e possibilidades de investigação. Poderia a infância representar um mundo auto-regrado e autônomo, com suas próprias leis, valores, conhecimentos e formas de sentir, pensar e agir sobre o mundo? Seriam as crianças detentoras de culturas próprias não redutíveis às culturas dos adultos? (BORBA, 2005, p. 50).

Adiante a mesma autora responde a questão exposta acima, apontando para estudos realizados nas últimas décadas.

Estudos sociológicos no campo da infância realizados ao longo dos últimos 20 anos sustentam a noção da autonomia das culturas infantis, postulando que as crianças, através das relações com seus pares e com os adultos, constroem, estruturam e sistematizam formas de representação, interpretação e de ação sobre o mundo (BORBA, 2005, p. 50).

É pensando nesse universo das culturas da infância e sua imensidão, suas inquietações se tornaram também minhas, e a partir delas segue o segundo capítulo desse estudo, no qual constam as experiências, observações e provocações as quais tratam as diferentes vivências sobre infâncias, seus brincar e, os protagonistas dessa pesquisa, os brincantes. Colocando em voga esses olhares que contam presente e passado únicos, mas que se comunicam como se houvessem fios condutores entre esses distintos tempos-espacos.

2. TECENDO HISTÓRIAS DE INFÂNCIAS PASSADAS E PRESENTES

*Agora eu era herói
E o meu cavalo só falava inglês.
A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o rock para as matinês
(João e Maria - Chico Buarque).*

Graça Veloso, em seu artigo denominado “Paradoxos e paradigmas: a etnocenologia, os saberes e seus léxicos”, parafraseando Marcelo Gleiser, nos apresenta três tipos de saberes: os científicos, os sagracionais e os artísticos.

Os saberes científicos buscam, incessantemente, eternizar o físico. Quanto mais longa nossa vida, mais vencemos a finitude materializada no corpo que somos. Os saberes sagracionais, para aliviar o medo da morte e a dor de perder uma pessoa amada, transformam o fim da vida numa passagem a outro estado, numa transcendência de eternidade, seja ela por que abordagem religiosa for. E, finalmente, os saberes artísticos nos proporcionam a possibilidade de eternização através de nossa obra (VELOSO, 2016, p. 90).

Refletindo sobre esses saberes e identificando-os dentro da cultura infantil, se pode observar que os saberes artísticos e estéticos, nessa cultura, se traduzem em forma de jogos, brinquedos e brincadeiras. A criança reafirma as questões sociais através desses fazeres. Dentro desse capítulo estão presentes observações e entrevistas que dialogam justamente com essa reflexão, escutando a voz aos infantes de diferentes períodos, através de suas distintas, ou nem tanto, narrativas.

Quem nunca ouviu a pergunta: O que você quer ser quando crescer? Pois as perguntas que me inquietam para a produção de minha pesquisa são: O que você era na sua infância? Que criança você foi? Do que você brincava? Perguntas essas que também são feitas no presente, aos pequenos de hoje. Propus um mergulho na memória daqueles que já passaram pela puerícia, e me propus a observar os infantes da contemporaneidade.

Penetrar no mundo das crianças é conseguir enxergar seus conhecimentos, seus valores, suas rotinas, suas preocupações, seus modos próprios de se relacionar com o mundo. Para tanto, é preciso colocá-los no estatuto de novidade, como enigma a ser desvendado, a partir da escuta das vozes das próprias crianças (BORBA, 2005, p. 82).

Comecei a observar crianças brincando nos parques, na escola, nos aniversários infantis, dentre outros locais públicos. Sempre que tinha oportunidade de observá-las brincando passava a me colocar com o olhar de pesquisadora e as contemplava em suas brincadeiras. Certo dia fui surpreendida no supermercado por uma mãe e filha brincando enquanto esperavam na fila do caixa. Elas jogavam “Pokémon”. Este jogo também pode ser encontrado com o nome de “Pedra, Papel e Tesoura”, no qual dois participantes ficam um de frente para o outro e, ao mesmo tempo, jogam uma das mãos para frente representando um dos três símbolos: pedra (mão fechada), papel (mão aberta) ou tesoura (dedos indicador e médio estendidos)¹¹, a cada rodada os jogadores falam em voz alta: “pedra, papel, tesoura”. O diferencial entre as duas é que na “Pedra, Papel e Tesoura” o objetivo é a seleção entre um dos participantes com alguma finalidade a ser desenvolvida por ambos. Na do “Pokémon” o desenvolvimento dá-se da seguinte maneira: quem vai ganhando no jogo com as mãos, primeiro pega em uma das bochechas do adversário, depois na outra e por último dá uma leve tapinha na testa do perdedor daquela rodada. Neste jogo os participantes falam em voz alta: “Pokémon” no início de cada etapa.

(...) me estabelecendo nesse último grupo, de reconhecimento do direito que o outro tem de exercer sua própria narrativa, levanto a questão da utilização de léxicos próprios a cada fazer e a cada grupo de fazedores. Inegavelmente, toda e qualquer manifestação expressiva humana, seja ela tradicional (das antigas ou das novas tradições) ou não, tem um léxico próprio, que é capaz de dar conta de tudo que lhe diz respeito. Não estou, com isto, negando o direito que seus fazedores têm de incorporar definições de outras áreas. O que estou afirmando é: o que melhor define o saber e o fazer de cada grupo cultural é o léxico adotado por eles mesmos (VELOSO, 2016, p. 92).

2.1 – IMAGINANDO FÁBULAS

A partir das observações, percebendo que os brincar se desenvolvem de maneiras muito similares de uma geração para outra, podemos perceber que

¹¹ Disponível em: <http://delas.ig.com.br/filhos/brincadeiras/pedra-papel-e-tesoura>.

há uma resignificação das mesmas por parte dos infantes. Conseguimos notar que há uma alteração na valorização dos jogos. A brincadeira do passado já não é mais a mesma, é outra com um diferente significado, mesmo que haja em sua raiz resquícios do que já foi criado anteriormente.

As produções do espaço lúdico em eventos como aniversários infantis, por vezes, padronizam as produções estéticas das crianças nesses espaços. As que se encontram dentro da faixa etária dos 4 e 5 anos, em determinado momento demonstram se cansar do pula-pula, da casinha de bolinhas, dos jogos de fliperama, entre outros, e partem para brincadeiras como pique-pega e pique-esconde. Como meu foco volta-se para as produções desenvolvidas e criadas pelas crianças mesmo, os brinquedos industrializados acabam inibindo a construção por parte das crianças, por isso a observação, nessas ocasiões, não foi tão produtiva dentro da minha pesquisa. Entretanto pude notar que em determinado momento alguns infantes cansam daquilo que o brinquedo industrial oferece e se propõem a ir além, desconstruindo, transgredindo as possibilidades daquele objeto, indo além da forma rígida. Presenciei um palito que segurava um balão se transformar em varinha e espada. Um brinquedo que tem escorregador, escada, cordas e balanço se transformar em um navio, com tripulante, marujos e passageiros. Percebe-se também que dentro da brincadeira há a experiência social, com repartição de tarefas, e certa hierarquia.

Eu gosto de brincar com a minha irmã, mas não sempre, porque ela bagunça muito e eu não gosto. Eu brinco de carrinho, bastante. E gosto de esconde-esconde. Eu brinco de boneca com a minha irmã. Mas a brincadeira que eu mais gosto mesmo é esconde-esconde (Mika Letícia Uenoyama Ribeiro, 4 anos – Brasília/DF).

Nos parques (figura 1), as brincadeiras que mais se destacam são as com bola, pique-esconde, pique-pega, patins, bicicleta, skate, soltar bolhas de sabão, algumas crianças levam bonecas e brincam que essa é a sua filhinha, têm as que atiram pedrinhas no lago fazendo-a quicar na água.



Figura 1: Crianças brincando no parquinho localizado no setor sudoeste de Brasília.

(Foto da autora, 2016).

Observei o recreio do Centro de Ensino Fundamental do Recanto das Emas, o CEF 602, à convite do professor de Artes Edmar Oliveira. Lá pude visualizar a divisão de grupinhos, onde tem-se os que ainda brincam de pique-esconde, polícia e ladrão, levam carrinhos, revistinhas como gibis e cartinhas para fazer o que chamam de bater bafo, onde quem conseguir bater a mão em cima das cartas e virar o maior número delas, com a face que contém a imagem para cima, ganha o jogo. O professor falou que em alguns dias da semana o recreio é dirigido por algum professor, portanto nesse dia, brincadeiras como corre cotia, morto ou vivo, corda, entre outras, são propostas pelo docente encarregado de dar essa assistência no intervalo.

Rafael Pimenta de 5 anos adora fazer festa de aniversário, geralmente com temática de super-heróis como Homem-Aranha, Capitão América, Homem de Ferro. Neste ano mudou e fez do desenho animado chamado Patrulha

Canina¹², febre entre as crianças dessa faixa etária. Nas festas do Rafael o mais difícil é encontrar o Rafael. Ele corre para um lado, corre para outro, faz seus golpes de super-herói e brinca muito com seus convidados. Nesse ano havia animadores vestidos de Mário e Luigi Bros¹³, além do personagem principal da Patrulha Canina, Chase, um dos heróis do filme. Quando perguntei qual a brincadeira preferida de Rafael, ele me respondeu muito rápido: É pega-pega! E saiu correndo para participar da dança das cadeiras, que aconteceu logo após a gincana que acabou envolvendo todos os pais presentes, em busca dos objetos que valiam pontos, para que as crianças ganhassem os brindes oferecidos por Mário e Luigi.

Quando eu era menor? Brincava de boneca, pique-bandeirinha, esconde-esconde, pega-pega, subia em árvore... eu acho que eu lembro só disso. Os meus amigos e eu montamos uma casa na árvore, pegamos uma porta que tava lá solta, e fizemos o teto de saco de lixo. Mas daí no dia seguinte já tinha tudo quebrado. Nunca gostei de brincar de barbie, acho chato. Hoje a gente tem brincado de pique-bandeirinha, queimada, patins, bicicleta, a gente fica lá debaixo da minha quadra, debaixo do bloco, a gente brinca de três cortes também. No recreio agora só dá tempo de comer (Mariana Doze Vasques, 11 anos – Brasília/DF).

Eu acreditava, antes de começar o estágio com os ainda adolescentes, que seria a faixa etária na qual eu encontraria certa barreira de falar da infância, por parte dos alunos, pensando que eles estariam na fase de “negação”¹⁴ da infância. Mas para a minha surpresa a minha proposta teve uma receptividade muito boa diante das turmas em que estagiei, como tratarei a seguir, e os meus alunos da Bailacci Academia de Danças (figura 2), os quais encontram-se na faixa etária entre os 8 e 11 anos foram os que mais demonstraram resistência para falar sobre brincadeiras. Uma das características a qual pude observar nesses entrevistados foi a rapidez em responder as perguntas, como que querendo se livrar logo dessas questões, com certo incômodo mesmo, e foram os que mais precisei estimular e fazer questionamentos mais específicos, dando

¹² Filme de animação infantil canadense, com temática de ação e aventura. Seis personagens, filhotes heroicos: Chase, Marshall, Rocky, Zuma e Skye, são liderados por um garoto de dez anos de idade chamado Ryder. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/PAW_Patrol].

¹³ Mario Bros é um jogo eletrônico de videogame, criado na década de 1980, em que os irmãos Mario e Luigi Bros, dentro do Reino do Cogumelo, devem vencer o vilão e salvar a princesa. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Super_Mario_Bros] e [[https://pt.wikipedia.org/wiki/Luigi_\(personagem\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Luigi_(personagem))].

¹⁴ Chamo de negação da infância o período em que os indivíduos rejeitam a puerícia por querer, de certa forma, provar que já se encontram mais próximos à fase adulta, o que, para muitos, é uma questão de afirmação devido à “glamourização” que há em se tratando da fase adulta.

exemplos, para que eles se sentissem confortáveis em falar da infância tão recente em suas vivências.

Eu brinco de pique-pegas, pique-esconde, de ciranda, de ficar dando cambalhota. Agente inventou uma brincadeira ontem que se chamava tribunal. Tem duas testemunhas, uma pessoa que fez algo de errado e o juiz. Agente finge que tá protestando a pessoa. Eu brinco de boneca. Eu tenho uma boneca que eu já tenho há um tempão, e ela tem uma montão de coisas. Eu brinco que eu sou a cinderela. (Helena U. S. Fernandes, 7 anos – Brasília/DF).

O que eu mais brincava era pique-pegas e pique-esconde... Brincava de boneca também.... Acho que é só isso que eu lembro. Eu brincava só com as bonecas mesmo, nunca fiz casinha. Hoje é no celular. (...) na escola na hora do recreio a gente brinca daquela brincadeira, tipo *Eu Nunca*, quando alguém faz uma pergunta e alguém já fez aquilo, a pessoa abaixa o dedo. (...) com meus primos eu jogo bola e videogame, porque eles adoram jogar videogame (Gabriela C. de Barros, 10 anos – Brasília/DF).



Figura 2: Alunos de teatro da Bailacci Academia de Danças (Foto: Tiago Hardman, 2017).

Eu lembro que eu brincava muito com os meus amigos da escola de pique-esconde e pique-pegas. Em casa eu pegava uma bola de futebol e ficava chutando na parede. Videogame eu jogava mais ou menos, agora que eu tô jogando mais. Hoje eu ainda jogo futebol na parede, com meus amigos também, e ainda brinco de pique-pegas e pique-esconde. Não brinco mais de carrinho, mas já brinquei. No celular eu tenho pouquinhos jogos, jogo mais ou menos. No recreio da escola são em dois lugares diferentes. Em um deles a gente brinca mais de pique-pegas e no outro a gente joga futebol porque tem uma bola lá. Hoje em dia eu não brinco tanto com meus amigos de onde eu moro porque eles andam meio

sumidos, mas eu já brinquei mais. De vez em quando a gente brinca de jogos de tabuleiro e videogame (Lucca Fiuza de Alencastro, 10 anos – Brasília/DF).

2.2 - ROMANCEANDO VIDAS

Realizei a disciplina de Estágio de Regência em Artes Cênicas 2 no Centro Educacional 1 do Cruzeiro, durante o segundo semestre de 2015, com turmas de adolescentes todos matriculados no 3º ano do Ensino Médio (figuras 3, 4, 5 e 6), na faixa etária entre 16 e 19 anos. Durante o período do estágio procurei agenciar com os alunos memórias lúdicas diferentes das que eles vivenciam hoje, propondo um rápido mergulho nas lembranças de suas infâncias. E foi entre brincadeiras, fotos antigas, relatos, jogos e conversas que fui descobrindo onde cada um havia guardado a sua criança. Uma história escrita que recebi de um dos alunos chamou minha atenção pela poesia com que foi colocada, que compartilho a seguir:

O que marcou e ficou foi um muro com buracos que dava para escalar. A diferença é que hoje não enxergo como um desafio, e sim como o tamanho de um problema que a gente enfrenta. Um dos buracos era mais baixo, e dava para enxergar os carros e as pessoas. O outro era mais alto, e nunca consegui chegar até o fim. Eu tinha um amigo, Bruno, que era cego e escalava o muro mesmo sem enxergar nada. Era uma troca, ele me falava o que as pessoas falavam e eu dizia como elas eram fisicamente. Não havia limites. Acredito no seu próprio talento, na sua audição, era nato. Parava e escutava, escutando, criava. Descobrimos com o muro que fazer sentido faz mais sentidos, e que amor não cria laços, amor é um nó cego (Pedro Ivo Koehler de Quadros, 19 anos, 3º ano C).



Figura 3: alunos do 3º ano C, do CED 1 do Cruzeiro (Foto da autora, 2015).

Nos relatos dos adolescentes foi bem comum eles ressaltarem que meninos e meninas brincavam juntos, e que isso não gerava problema algum, pelo contrário, era bem comum.

O que eu mais gosto de lembrar sobre minha infância, evidentemente, são as brincadeiras. Como minha família é muito grande, tenho muitos primos. Lembro que não precisávamos de muito, com uma simples bola brincávamos a tarde toda, e naquele momento, não importava a diferença de idades, tampouco o sexo. O que realmente importava era a diversão (Isis Ingrid S. Maciel, 17 anos – Brasília/DF).

Gabriel coloca da seguinte maneira:

Um dia nublado, me lembro de um raio ter caído muito próximo a mim e de meus amigos. Foi um pouco assustador. Quando menor eu gostava de acordar cedo, recolher meu cobertor e ir deitar-me no sofá para assistir desenhos. Ainda me recordo de muitos animes que passavam: Power Rangers, KND, Du, Dudu e Edu, etc. As brincadeiras na rua eram super divertidas, muitas são bem antigas, mas ainda eram lembradas. Pique-pega, pique-alto, pular elástico, amarelinha dentre diversas que eram praticadas na rua onde eu morava. Como na minha família todos da minha faixa etária são meninas, ou seja, primas. Por isso obtive bastante contato com brincadeiras majoritariamente praticadas por meninas e nunca vi como um problema e me divertia bastante (Gabriel Philipe, 17 anos – Brasília/DF).



Figura 4: alunos do 3º ano D, confeccionando seus cartazes sobre a infância

(Foto da autora, 2015).

Dentre essa faixa etária, também tiveram os que não estavam muito felizes em lembrar de alguns momentos da infância, mas expuseram mesmo assim. Uma dessas memórias é a do Joaquim.

Quando eu era pequeno, gostava muito de subir em árvores com meus amigos, isso era divertido e muito perigoso, era um grande desafio. Em um fim de semana eu subi em uma árvore qualquer com meus amigos para uma melhor visão do bairro, e quando nada se esperava eu caio da árvore e quebro meu braço, meus amigos até pensaram que era brincadeira minha, e demorou um tempo pra eles descobrirem que era verdade. Bom eles me ajudaram, chamaram alguém, desesperados, fui pro hospital chorando KKKKKKKKK. ODEIO LEMBRAR DISSO! KKK (Joaquim Alexandre L. Sampaio, 17 anos - Brasília/DF).

“Brincar é bom demais”, “Pega meu celular e bota em cima da mesa para eu brincar. Pega o meu também. O meu também”. Para a minha alegria e da professora de Artes essas foram algumas das frases que ouvimos durante a manhã do quinto dia de estágio. Aluno largar o celular para fazer a aula? Assim, sem ninguém pedir? Tá brincando? Sim! Estávamos mesmo. Ficamos impressionadas que, apesar da grandeza de valor que esse objeto assume hoje em dia na vida dos indivíduos, naquele momento eles optaram em deixa-los de lado para focar na aula de teatro”.



Figura 5: Alunos do 3º ano C relembando momentos da infância (Foto da autora, 2015).

Lembro-me que quando eu era bem pequena, ganhei meu primeiro bichinho de estimação, Pikles, ele (ou ela) era uma galinha Ródea. Sempre que chegava da creche, corria para o fundo do quintal para abraçar Pikles. Pikles foi crescendo e ficando grande e gordo, eu amava

muito o Pikles. Só que um dia chegando da creche como de costume fui para o quintal, e não achei Pikles. Fiquei desesperada procurando ele e muito triste. Então meu pai me chamou para almoçar, chegando na cozinha ele estava comendo uma coxinha de frango. Inoportunamente, com os olhos cheios de lágrimas, perguntei onde estava meu bichinho. Ele estendeu a coxinha na mão e disse “tá aqui”. Eu gritei desesperada e me sentei no outro lado da mesa, minha mãe veio com meu almoço e lá tinha a outra coxinha do Pikles. Comi chorando mas foi o almoço mais gostoso que eu tive entre lágrimas e lamentações e o que eu nunca esqueci (Ariel Pimenta, 17 anos – Brasília/DF).

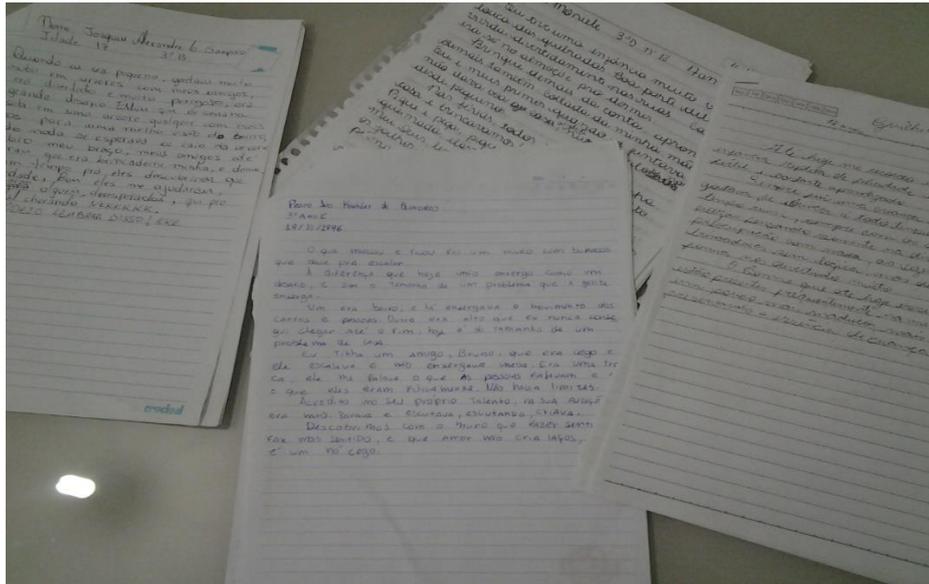


Figura 6: Relatos sobre a infância dos alunos de 16 a 19 anos do CED 1 do Cruzeiro

(Foto da autora, 2015).

2.3 – NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS

Utilizando a ferramenta da rede social Facebook, coloquei uma provocação para que aqueles que se sentissem à vontade compartilhassem comigo suas lembranças de infância. Os participantes da pesquisa virtual se encontram na faixa etária entre os vinte e trinta anos. O questionamento foi o seguinte: “E se eu te perguntar sobre a infância? Que palavra, sentimento, brincadeira ou história te faz lembrar dessa fase da vida? ”.

Infância me lembra passar o dia inteiro construindo cidades com VHS com meu irmão (As fitas VHS eram tipo os muros da cidade). Aí fazer a população com bonequinhos dele e proteger a cidade com uma base de espionagem (...) Aí, de noite, implorar pra mãe deixar a gente deixar tudo

montado na sala pra não ter que fazer tudo de novo na manhã seguinte (...) e ela deixava (Letícia Diello, 22 anos – Porto Alegre/RS).

Foi a geração que mais citou a palavra “saudades”, “bons tempos”, “como é bom lembrar”.

Subir no galho mais alto da mangueira e se pendurar de cabeça pra baixo, descer de cobertor as escadas e a cada degrau reclamar “ai meu bumbum, ai meu bumbum”, glub, glub, acreditar fielmente que se tomasse muito café eu ficaria da cor da minha mãe, querer fazer parte de um clube secreto que resolvessem crimes tipo Os Karas, do livro Droga da Obediência, do Pedro Bandeira. Chorar demais quando a Xuxa se afoga em Lua de Cristal, desenhar muito, brincar com tinta, derreter batons ou desmontar relógios da minha mãe...infância boa! (Ana Carolina Conceição – Brasília/DF).

O relato abaixo é de William. Um dos depoimentos com maior riqueza de detalhes que recebi.

De pequeno lembro que brincava de: esconde-esconde: na rua mesmo. Valia se esconder nos pátios das casas e a brincadeira acontecia a noite mesmo. Polícia e ladrão: tipo uma brincadeira de pegar, mas que não lembro muito bem como era, lembro mais do nome. Joguei videogame durante um tempo na infância, mas não era viciado. Andava de bicicleta com os amigos da quadra, às vezes brincávamos de “casinha”. Tinha uma vizinha que era mais dessas brincadeiras de inventar personagens e que caíam mais no dia-a-dia de uma família com pai, mãe e filhos. Brincava muito com meus brinquedos. Tinha playmobile e outros bonequinhos (super-heróis) e inventava sozinho as aventuras e histórias vividas por eles. Jogava cartinhas, brincava com tazos (aqueles que vinham nos salgadinhos). Às vezes construía objetos para brincar. Caixa de sabão em pó se transformava em câmera de vídeo, folhas de papel viram a casa. Brincava de “mês”: dois dos amigos pensavam em um mês que tinha que ser adivinhado pelos demais. Quem acertasse deveria responder a pergunta “O que tu quer ser da vida?”. Os dois que pensaram no mês tinham que inventar algo sobre aquilo que o outro havia pedido. Por exemplo, se quisesse uma casa, poderia escolher entre uma casa de dois andares na praia com piscina ou uma casa roda de madeira, com móveis antigos, e que ficasse em um lugar frio. A imaginação é que comandava o jogo. Brincava de “alegria”. Esse foi o nome que demos (meu irmão, os amigos da quadra e eu) para uma brincadeira na qual o objetivo de quem estivesse em frente aos demais era provocar o riso. O primeiro que risse seria o próximo a propor a piada, situação cômica, careta, etc (William Fernandes Molina, 29 anos – Bagé/RS).

2.4 – CONTANDO CAUSOS, NARRANDO HISTÓRIAS

Em conversas com o professor Graça Veloso, mesmo sem expor referências de outros autores, chegamos à conclusão que a memória é uma versão dos fatos passados. E com isso, como Ivan Izquierdo aponta: [...]. Vamos

criando memórias falsas (IZQUIERDO, 2013, p. 21). Possibilitando assim um entendimento de que reconstruímos através da nossa memória aquilo que queremos lembrar, e ousar dizer que reconstruímos através de fatos, na maioria das vezes, romantizados por nós. Durante as entrevistas e pesquisas de campo com quem já passou pela infância, percebi que a maioria dos entrevistados tendem a romantizar o período da infância. Ao me deparar com essa observação, recorri às minhas memórias e percebi que eu também romantizo o meu período infantil. Poucos foram os que me responderam à pergunta: “Como foi a sua infância?” de forma, digamos, mais pessimista, dizendo que a sua infância não foi tão legal, ou que não sentem saudades desse período, ou até mesmo dizendo que: “a infância que eu tive nenhuma criança gostaria de ter. Eu não desejo para ninguém a infância que eu tive” (Osmar Ferreira Penna, 87 anos, entrevista). Confesso que estava tão acostumada a ouvir o lado bom das infâncias que na primeira vez que ouvi uma perspectiva não tão positiva me surpreendi, o que serviu para que eu compreendesse que há realmente uma certa idealização de período perfeito, uma supervalorização da infância por parte da maioria das pessoas que pude observar.

Nasci em 1950. Nona filha que chegou logo depois do verão (brinco com meu irmão que ele devia pagar meu terapeuta). O que que os pais queriam com mais uma guria depois da chegada do esperado menino? Família numerosa, de poucos recursos financeiros, morando em pequena propriedade. Brincadeiras muito ligadas à natureza e ao nosso próprio dia-a-dia. Meu irmão brincava com a turma com a turma de meninas quando se referia a campo, coisas mais rudes, onde exigia mais força ele estava lá. Banhávamos nos açudes, o que por si só já era uma festiva brincadeira (quando não se perdia o sabonete), neste caso já mudava o rumo do brinquedo, tã, tã, tã.... Quem acha? Usávamos dos recursos que dispúnhamos para brincar. A espiga de milho era nossa linda boneca, loira ou ruiva, dependendo da fase em que se encontrava. Outras bonecas eram feitas de pano onde a touca era o sutiã das irmãs mais velhas. Nossos bolos de aniversário (quando havia) eram enfeitados com pipoca ou flores de laranjeira. Brincávamos ainda de casinha, com fogão à lenha feito por nós, com comidinhas de verdade, que as irmãs mais velhas ajudavam a fazer (ensinamentos que ficaram). Havia a divisão de tarefas, meu irmão ajudava desde pequeno nas lidas do campo. E a turma de mulheres em casa. Houve uma época que íamos a cavalo para a escola, eu na garupa do cavalo de meu irmão. A criatividade. O ambiente em que vivíamos superava as dificuldades econômicas e utilizávamos o que estava ao nosso redor. Que terapia hein?! (Graça Azevedo de Gusmão, 67 anos – São Lourenço do Sul/RS).

Durante todo o ano de 2013 ministrei aulas de teatro para idosos no espaço VivaClub Maturidade e Lazer, na cidade de Porto Alegre. Essa

experiência foi algo que mexeu muito comigo, foi desde o medo e a insegurança de tratar com um público mais maduro e experiente do que eu, até o encantamento e as descobertas de novas perspectivas e olhares em relação à essa faixa etária posterior aos cinquenta anos. Fiz muita questão da presença de idosos dentro da minha pesquisa justamente por perceber que o teatro é um facilitador de recuperação da ludicidade na velhice, e me inquietava descobrir o porquê esses indivíduos buscavam o teatro nessa fase da vida, ao que dei preferência para idosos que fazem aulas de teatro para realizar as minhas observações e entrevistas, por acreditar que esses estariam mais disponíveis e próximos aquela etapa em que a imaginação volta a ocupar um espaço maior em suas vidas. Por isso, para dar continuidade nessa parte da minha pesquisa, recebi a indicação do professor Graça Veloso para observar e entrevistar os alunos/atores do grupo teatral dirigido pelo professor Tullio Guimaraes, o qual é referência em teatro para idosos em Brasília.

Ao chegar no Teatro Dulcina de Moraes, me deparo com um palco à espera dos maduros atores do diretor Tullio Guimaraes. Esse grupo, o qual recebe o nome de Viva a Vida (figura 7), começou no ano 2000, quando Tullio recebe o convite da atriz Clara Luz:

No ano de 2000, a veterana atriz Clara Luz, me procurou após participar de uma oficina de teatro, com o intuito de propor-me a montagem de um espetáculo teatral com pessoas da terceira idade. A ideia era levar esse espetáculo para um festival que aconteceria na cidade do Porto em Portugal, como parte das atividades desse encontro internacional da terceira idade. Topado o desafio, montei o primeiro texto de vários escritos por mim para esse grupo. Os participantes do espetáculo “O Aniversário do Espelho” (ano de 2000), não foram a Portugal por não terem conseguido as passagens aéreas para todo o grupo; mas, a vontade de fazer teatro, o desejo de serem vistos pelos parentes, amigos e comunidade em geral como pessoas capazes de realizar um trabalho estético de qualidade aonde se discutiam as experiências de vida dessas pessoas, foi maior, e o grupo permaneceu em atividade, e hoje apresenta mais um espetáculo (Tullio Guimaraes)¹⁵.

¹⁵ Disponível em: [<https://www.facebook.com/vivaavidanoteatro/?fref=fb&pnref=story>].



Figura 7: Grupo de teatro Viva a Vida (Foto da autora, 2017).

No meu período de observações, o qual contou com oito encontros, o grupo estava ensaiando seu novo espetáculo chamado: “Viajantes do Tempo”, com dramaturgia de Tullio Guimaraes, contendo trechos de Macbeth, de William Shakespeare, e de poemas de Adélia Prado. Os 15 idosos que fazem parte do grupo de teatro pagam uma mensalidade para o diretor, com a finalidade de manterem dois encontros semanais no Teatro Dulcina de Moraes, tendo aulas de teatro e ensaiando as peças as quais apresentam-se abertamente ao público.

Chego no primeiro dia de encontro para observar o grupo. O professor Tullio pede para que eu me apresente a todos e fale sobre o propósito de minhas observações e entrevistas. Ao término de minha pequena e objetiva fala já alguns se mostram disponíveis a colaborar com a minha pesquisa. Falam eles: “Eu quero ser entrevistada por você”, “Eu quero participar” ou ainda, “Pode contar comigo”.

No decorrer dos ensaios pude perceber a grande modificação que ocorria nos corpos daqueles idosos ao adentrar o espaço teatral e embarcar naquela viagem. Muitos chegam ao teatro com dificuldades de locomoção, utilizando-se até mesmo de bengalas. Mas na hora do ensaio a companheira de equilíbrio no caminhar fica de lado e os atores com o brilho no olhar como aquele que percebo nas crianças. Os que tive a oportunidade de entrevistar, me confessaram que o teatro lhes proporciona a alegria de viver e o reencontro com o encantamento pela vida, bem como um bom entretenimento para driblar a solidão. O

aquecimento logo ao começo do ensaio é realizado com muitos beijos de *bons dias*, cochichos para colocar o papo em dia e muitos sorrisos que se espalham pelo palco. Eles brincam, brincam uns com os outros, tiram-se para dançar e festejam seus encontros. Apontam os erros dos colegas, mas também não hesitam em abraçar aquele (a) que está com maior dificuldade naquele dia. Alegram-se com os adereços de cena e aceitam o jogo proposto ao imaginar o seu cenário ainda inexistente: “Ei! Você não pode passar por aí. Você passou em cima da mesa do bolo!” - Diz um dos atores para o colega de cena.

Quando questionados sobre “*Como foi a sua infância?*”, o início das respostas não variaram muito, em dizerem que acham suas infâncias muito boas.

Eu acho que minha infância foi muito boa, apesar de não termos essas coisas de hoje, essas novidades, eu acho que nossa infância foi muito saudável e alegre, de muitas brincadeiras originais. Como pular corda, brincar de boneca de pano, que minha irmã mais velha fazia pra gente. E às vezes sabe o que a gente fazia? Meus pais iam dormir depois do almoço e, no lugar que a gente morava no Piauí tinha um lago perto, então a gente aproveitava e brincava de balsa para atravessar o lago, umas balsas que a gente fazia de tronco de bananeira. Subíamos muito em árvores. (...) montávamos casinhas para as bonecas com tijolos e pedacinhos de pau, *fazia* as casinha das bonecas. Eram seis mulheres e cinco homens para brincar, então você já viu! – ao que eu pergunto se brincavam todos juntos, ela responde: Brincava todo mundo junto, de tudo o que você pensar, brincava toda a hora, mas só podíamos brincar com o povo de casa, meu pai não deixava a gente brincar com o povo de *outros lugar*. Meus irmãos levavam as bonecas para passear na tesoura, que era como chamava bicicleta. Era brincadeira de interior (Cherobina, 76 anos – Teresina/PI).

A todos os entrevistados da faixa etária da terceira idade eu questionei se meninos e meninas brincavam juntos. Duas entrevistadas relataram que não podiam brincar com os meninos, pois os pais não deixavam. Quando questionadas sobre o porquê desta segregação, apenas me respondiam que “meninos e meninas tinham brincadeiras diferentes”, ou “porque meu pai não deixava de jeito nenhum”. A questão que se aponta aqui é a probabilidade de os adultos erotizarem a infância, e prevendo que os jogos sexuais estão presentes nessa fase, a solução é a proibição da junção de meninos e meninas nos momentos de produções lúdicas. Neste momento optei por não aprofundar a questão dos jogos sexuais na infância por duas razões. A primeira, por encontrar uma grande dificuldade de acesso às informações, devido aos entrevistados

demonstraram-se desconfortáveis quando eu mencionava problematizar um pouco mais a questão da divisão dos sexos no brincar. E o segundo motivo é que escolhi para este estudo investigar o recorte da produção de sentidos com foco nas brincadeiras e memórias lúdicas das diferentes gerações, e ir além na questão dos jogos sexuais exigiria maior atenção e profundidade de pesquisa.

Eu nasci em Brasília e fui criada em Taguatinga. Minha mãe era professora alfabetizadora e meu pai comerciante. Todos os dois nordestinos. Então eu fui criada com uma educação muito rígida, é o não pode, o não devo. Mas assim, apesar de toda a rigidez, eu acho que fui criada com muito carinho. E eu tinha irmãs, nós éramos quatro filhas e um filho só. E era bom tinha briga, tinha brincadeira, tinha briga de volta, tinha brincadeira de novo. A gente brincava muito na rua. Na verdade a gente brincava mais no colégio que na rua, porque a minha mãe não gostava que a gente brincasse na rua. A gente brincava de queimada, garrafão, amarelinha, speedball e muita brincadeira de boneca. Só que quando eu era pequena tinha poucos brinquedos, então a gente improvisava, às vezes assim, um tijolinho a gente fazia uma mesa, uma cadeira, um sofá. As bonecas tinham os braços e as pernas coladas. Eu tive uma boneca Suzy que era o máximo! Mas ela era tão maravilhosa que a minha mãe não deixava eu brincar com ela, então ela ficava lá guardada numa caixa em cima do guarda-roupa, eu sabia que ela era minha, mas não podia brincar. (...) meu irmão era o caçula, meu pai era mais duro ainda com meu irmão. Se com a gente ele já era duro, com meu irmão ele era mais duro ainda. (...) meu irmão nunca brincava com a gente, ele não podia e nem queria. Tinha uns primos que iam lá pra casa de vez em quando pra brincar com ele, mas os primos não podiam brincar com a gente, era meninos prum lado e meninas pro outro. Meu pai achava que as meninas não podiam estar muito perto de meninos, e também a mesma coisa pros meninos. Eu, hoje, imagino que eles tinham medo dos meninos se tornarem afeminados talvez né? Apesar do meu pai trocar a fralda da gente e fazer comida pra gente, mas sempre escondido, não era uma coisa muito revelada não (Lilia Maria Ramos de M. de Faria, 52 anos – Brasília/DF).



Figura 8: Grupo de teatro Viva a Vida (Foto: Logan Dias Gomes, 2017).

Em alguns eu conseguia perceber uma maior vontade falar, e era desses que me aproximava com maior facilidade. Eis que no meu último dia de entrevistas um senhor, aquele que me parecia o mais resguardado, o qual eu não havia encontrado brecha para as minhas perguntas, se aproxima de mim e diz: “Eu quero muito participar da sua pesquisa, acho que posso colaborar. Você pode me entrevistar? ” Em um primeiro momento eu fiquei muito surpresa, ao que consegui falar: “Claro! Claro que sim! Vamos lá”. Ele começou me contando que a infância dele era aquela que ninguém merecia passar. Ele não sentia falta desse período, assim como de vários de sua vida muito sofrida. Ele tinha muito a falar, e algumas reticências deixavam no ar que algo muito dolorido habitava dentro dele. Respeitei suas pausas, que em seus vazios tinham tanto para dizer. Mas o ensaio começou e tive que deixa-lo ir, mas ele me prometeu seu depoimento por escrito (figura 9), e assim ele cumpriu com sua palavra ao que no ensaio seguinte é a primeira coisa que me entrega, seguida de um cumprimento de bom dia.

Passei a maior parte da minha infância sozinho. Minha mãe tinha dois setores de trabalho, meu pai eu nunca o conheci. Minha mãe me ensinava a fazer arroz, coar café, botar feijão para cozinhar. Quando eu não fazia algo correto ela me batia. Quando ia a um aniversário de um coleguinha, não podia pedir nada e nem levantar da cadeira para brincar. Quando tinha acho que 6 ou 7 anos a minha mãe recebeu a visita de uma prima. Essa prima de minha mãe tinha dois filhos, uma menina e um menino. Nós começamos a brincar, correndo de um lado para outro, a menina estava com um lenço de seda e perdeu. Minha mãe me intimou a entregar o lenço da menina, aí falei que não sabia onde estava. Como não entreguei o lenço, levei uma surra, quando minha mãe cansou de bater aí me deixou.... Antigamente as pessoas pobres tomavam banho na bacia. Era costume colocar jornais, papel, pano de saco para não furar a bacia em contato com o chão. Quando minha mãe foi jogar a água fora e mexeu nos jornais e nos panos aí encontrou o lenço entre os panos e jornais. Morávamos, minha mãe e eu, próximo a uma fábrica de telhas. Vez por quando eu pegava argila escondido na fábrica e com ela construía meus próprios brinquedos. Fazia passarinho, carrinhos, casinhas. Brincava muito sozinho. De vez em quando jogava bola com alguns amigos. Todavia, o que mais me prejudicou foi a ausência do meu pai e da minha mãe. Eu não tive os laços afetivos do meu pai e da minha mãe na primeira e segunda infância. O teatro surgiu para que eu soltasse a criança que eu não pude ser. Aqui eu faço amigos (Osmar Ferreira Penna, 87 anos – Rio de Janeiro).

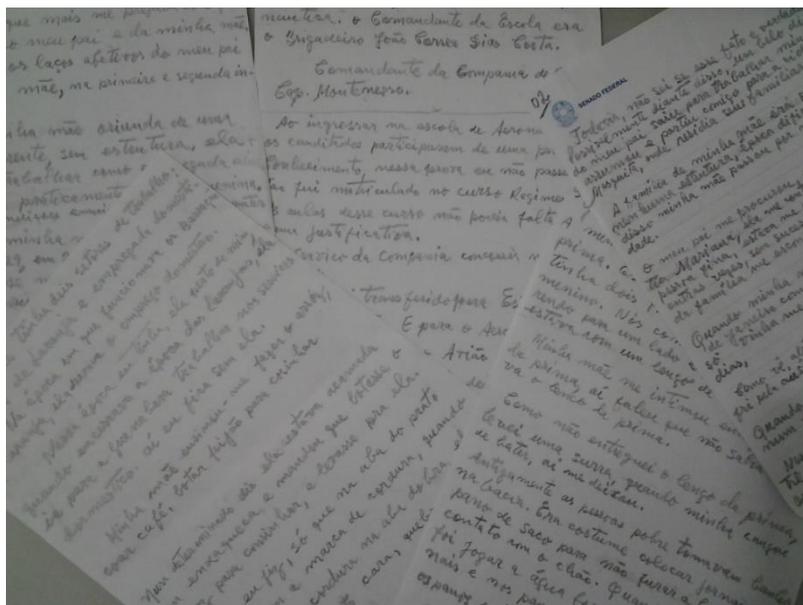


Figura 9: Relato do senhor Osmar Ferreira Penna (Foto da autora, 2017).

Quanto mais eu ouvia e observava, eu me fazia o seguinte questionamento: de todas aquelas histórias que estavam chegando até mim, o que foi idealizado, romantizado e o que, de fato, foi uma experiência concreta. Pois como Larrosa traz sobre esse mergulho na infância, quem são esses sujeitos que se colocam diante de suas memórias? São sujeito de apropriação ou de experiência?

Uma imagem do outro é uma contradição. Mas talvez nos reste uma imagem do encontro com o outro. Nesse sentido, não seria uma imagem da infância, mas uma imagem a partir do encontro com a infância. E isso na medida em que esse encontro não é nem apropriação, nem um mero reconhecimento em que se encontra aquele que já sabe e que já tem, mas um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho e com o desconhecido, o qual não pode ser reconhecido nem apropriado. O sujeito de reconhecimento é aquele que não é capaz de ver outra coisa senão a si mesmo, aquele que percebe o que lhe vai ao encontro a partir do que quer, do que sabe, do que imagina, do que necessita, do que deseja e do que espera. O sujeito da apropriação é aquele que devora tudo que encontra, convertendo-o em algo à sua medida. Mas o sujeito da experiência é aquele que sabe enfrentar o outro enquanto que outro e está disposto a perder o pé e a se deixar tombar e arrastar por aquele que lhe vai ao encontro: o sujeito da experiência está disposto a se transformar numa direção desconhecida (LARROSA, 2016, p. 197, grifo do autor).

O que de fato nos lembramos do período da infância? E do que lembramos, por quê lembramos de determinada situação e não de outra? O que se apagou, se foi porque não era importante o suficiente para ficar guardado na caixinha de memórias? Quando nos colocamos no lugar do passado já somos

outros e não mais os mesmos de horas atrás. E com isso percebi que muitas informações vão se perdendo pelo caminho, algumas sofrem modificações, outras ganham diferentes cores e dimensões. Esse registro chegou, primeiramente até mim, com essa percepção, a partir da minha própria experiência e viagem nas minhas memórias de infância, e através das entrevistas eu me questionei nesse sentido em relação às demais pessoas que se mostraram disponíveis em dialogar comigo. O pesquisador na área da memória, o médico e neurocientista argentino, Ivan Izquierdo, traz em uma de suas renomadas pesquisas sobre a memória a arte do esquecimento.

[...] O que lembro da minha infância? Minha infância foi, sem dúvida, o período mais importante da minha vida. Em que aprendi coisas que usei pelo resto da minha vida, desde então. Aprendi, por exemplo, o que é o amor, o que são as emoções, aprendi a caminhar. Mas o que é o amor e o que são as emoções é o que nos faz o que nós somos realmente. Isso eu aprendi na infância. Ora, minha infância está cheia de detalhes, de todo o tipo. Para dar um exemplo, quando eu posso relatar, eu relato meia hora e ela durou muitos anos, entre os quais os anos mais felizes e, se não sempre os mais felizes, os mais importantes da minha vida. Acontece com todo mundo isso. Que me lembro da tarde de ontem? Muito pouco. O que me lembro da minha infância? Coisas que eu posso relatar em poucas horas (IZQUIERDO, 2013, p. 17).

Essa afirmação de Izquierdo, propõe o questionamento de que muitas informações se perderam no meio do caminho dessa retomada à infância, e sendo assim, as histórias aqui expostas são frutos de lembranças que teimaram em não cair no esquecimento. Porém, registro aqui uma problematização da afirmação do autor, quando fala que a infância é o melhor período da vida. Essa questão deve ser reconhecida como pessoal, afinal, se toda a infância é tão feliz e tão cheia de boas recordações, não nos depararíamos com depoimentos como o de Osmar, citado acima, por exemplo. E períodos de aprendizagens temos durante muitos ciclos da vida, e cada um, a seu tempo, tem a sua relevância e importância pessoais. Pois ainda segundo o próprio Izquierdo, somos vestígios daquilo que lembramos, e também daquilo que esquecemos.

Isso fazemos seguramente com tudo e com todos de nossa autobiografia; às vezes nem nos damos conta mais; fazemos isso. Confundimos coisas que fazíamos com um companheiro de aula na segunda série com o que fazia outro companheiro ou companheira da quarta série. Confundimos um homem com uma mulher, confundimos coisas que um ou outro fazia; acontece-nos isso (...). Confundimos, vamos misturando coisas. Vamos criando memórias falsas. Não é um pecado; não sei muito bem hoje em dia o que é um pecado. Agora construir memórias falsas certamente não é pecado. Porque fazemos

isso; é característico da memória, muito mais da memória humana (IZQUIERDO, 2013, p. 21).

Independente do curso que as memórias fizeram para trazer as informações que se inserem nessa pesquisa, gostaria de enfatizar que tudo que até aqui chegou é tratado como verdade, verdadeira. E que nessas histórias eu juro, juradinho que acredito de alma e coração.

3. PARA FECHAR, ABRINDO ASAS PARA FUTUROS VOOS...

Eu quis saber da minha estrela-guia
Onde andaria meu sonho encantado
Fada-madrinha, vara de condão
Esse meu coração sonhando acordado
Vai nos levar para um mundo de magia
Onde a fantasia vai entrar na dança
E quando o brilho do amor chegar
Eu quero é mais brincar, melhor é ser criança
(Uni Duni Tê - Trem da Alegria).

O objetivo dessa pesquisa pautou-se sobre observações e entrevistas com infantes da atualidade e com os que já não o são, mas que nem por isso deixaram de manter o lúdico de tempos idos em suas almas. A partir dos resultados obtidos nessas ações foi possível analisar que a infância é única para cada um. Como Tiago Cruvinel aponta: “O que tenho percebido é que não é uma tarefa fácil contrapor as concepções de infância. A infância de minha avó não é a mesma de minha mãe, que conseqüentemente não é a mesma que a minha” (CRUVINEL, 2015, p. 26). E não é tarefa fácil mesmo. Como coloquei na abertura desse trabalho, trato aqui de um tema que me toca profundamente, e que logo ao início da pesquisa, quando passei a entrevistar em conversas informais as mulheres da minha família sobre as suas infâncias, ao que minha avó demonstrou não ter tido muito espaço para brincadeiras, o meu peito apertou, ficou pequenininho, como Alice quando encolhe em sua história. Fico triste quando penso numa criança podada do brincar, tendo em vista que essa não foi uma vontade dela, não foi algo que ela escolheu. Nem ela, nem o senhor Osmar, nem tantos outros que foram privados de serem brincantes, de serem crianças. O contrário acontece quando ouço as narrativas com empolgação de quem as conta, ao lembrarem de seus brincares, suas criações, suas infâncias tão suas, e de uma boniteza sem igual.

Durante esse processo foi possível perceber que há certa romantização das memórias de infância, o que leva a maioria dos entrevistados a lembrar muito

mais de fatos que remetem a momentos prazerosos do que situações que relembrem certos desconfortos. Mesmo que alguns poucos participantes da pesquisa tenham relatado seus momentos difíceis dentro do universo infantil.

Este trabalho me permitiu viajar pelas mais diversas sensações. Surpreendeu-me. Com ele, ou melhor, com aqueles que me permitiram os encontros com suas histórias, eu chorei, de rir, de cumplicidade, de angústia e de alegrias. Sorri chorando, sorri de gargalhar, sorri de nervoso, sorri por me encantar.

No início de todo esse processo eu havia me proposto a fazer um estudo comparativo entre as infâncias. Porém essa comparação caiu no meio do caminho, quando percebi que não havia porquê comparar infâncias de diferentes períodos, com diferentes pessoas, de diferentes lugares. E o mais interessante foi que, a meu ver, encontrei por aqui muito mais semelhanças do que diferenças entre a diversidade com a qual optei por pesquisar.

Em meio à pesquisa percebi que as crianças queriam mostrar o que eu perguntava, assim que as questões lhes eram colocadas, elas respondiam rapidamente e seguiam para a brincadeira. Os adolescentes precisaram de uma provocação que os estimulasse a querer falar sobre determinada vivência, e logo após às proposições eles se empolgavam e queriam continuar com as brincadeiras. E os idosos me pediam para serem entrevistados. Eles queriam, e muitos até precisavam, falar. Aliás, essa é uma necessidade que observo desde quando comecei a dar aulas de teatro para essa faixa etária, eles querem, e muito, serem ouvidos. Então, foi a geração que menos precisou de motivação para contar suas histórias, não é à toa que os depoimentos vão ficando mais longos com o passar dos anos que entrevistei.

A pergunta que me inquieta após essa pesquisa, é se realmente um dia paramos de brincar ou se a brincadeira apenas sofre uma ressignificação no decorrer da vida? Prefiro ficar com a segunda opção, acho que ela se transforma. Escolho pensar que as brincadeiras se reinventam, assim como nós enquanto brincantes, como Huizinga tanto fala em seu livro já citado nesse estudo como referência.

Preciso colocar aqui que, em nosso último encontro de orientação, após reler essa monografia, professor Graça Veloso e eu, refletimos que essa pesquisa nos leva a compreender que a infância não foi algo inventado. A humanidade, e é com um aperto no peito que coloco as palavras a seguir, roubou o período infantil e os direitos das crianças durante todos esses séculos, assim como o tem feito com outros grupos, também, menos favorecidos até os dias de hoje. A puerícia é um ato de libertação que vem sendo produzido ao longo dos séculos. E, infelizmente, sabemos que para se ser livre, para conquistar essa liberdade, provar que se existe e que se tem direitos, para que as crianças possam ser consideradas produtores de saberes e autônomos, se faz necessário lutar. E é isso que muitos pensadores vem fazendo há algum tempo, abrindo a escuta para esse grupo, lutando junto, lado a lado, para que haja esse reconhecimento. Toda essa reflexão me levou a pensar no que já pude observar do que conhecemos das culturas não colonizadas, tais como as ameríndias e alguns grupos africanos, onde a infância nunca precisou ser inventada, porque elas são reconhecidas através de seus jogos e brincadeiras. Encarar esse raciocínio não foi tarefa fácil. Dói, dá nó na garganta e mais uma vez aperta o peito, faz chorar. Mas também dá mais vontade ainda de falar sobre esse tema, pesquisar mais, ir mais fundo, ir além do que pensava antes. Por isso, com esse trabalho eu abro a minha contribuição para que, cada vez mais, as crianças tenham vez e escuta.

Essas considerações finais acabam se tornando muito pequenas diante do universo que esse trabalho criou em mim. Essa é uma pesquisa inconclusa, ao meu ver, pois a percebo, desde já, como um princípio para aprofundamentos em estudos futuros. Tenho ciência da proporção que ele tomou, foi além e quase que transborda por aqui, pois que rumemos para voos mais longos e mais altos. E que sempre se tenha um recomeço para cada fim. Finalizo com uma citação de Larrosa, onde encontrei poesia para retratar o que vivi através de todas as narrativas que até mim chegaram.

Se o reconhecimento e a apropriação podem produzir imagens da infância segundo o modelo da verdade positiva, a experiência do encontro só pode ser transmutada numa imagem poética, isso é, numa imagem que contenha a verdade inquieta e tremulante de uma aproximação singular ao enigma. Nesse sentido, talvez seja correto o que diz Peter Handke: "... nada daquilo que está, constantemente,

citando a infância é verdade; só o é aquilo que, reencontrando-a, a conta” (LARROSA, 2016, p. 197).

4. REFERÊNCIAS

BORBA, Ângela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar.** 294 p. Tese (Doutorado em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CRUVINEL, Tiago de Brito. **Criança em cena: análise da atuação e de processos criativos com crianças-atores.** Curitiba: CRV, 2015.

DEWEY, John. **El arte como experiencia.** Barcelona: Paidós, 2008.

ESTATUTO da criança e do adolescente e legislação correlata [recurso eletrônico] : Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. – 12. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GRESTA, Luciana Maria Rodrigues. **Narrativas infantis em cena: uma experiência teatral no ensino fundamental.** 119p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação ProfArtes da Universidade de Brasília), Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

HARTMANN, Luciana. **Oralidades, corpos, memórias: Performances de contadores e contadoras de causos da Campanha do rio grande do sul.** Tese (Centro de Filosofia e Ciências Humanas), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Ilha de Santa Catarina, 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens.** São Paulo: Perspectiva, 2000.

ISAACSSON, Marta; MASSA, Clóvis D; SPRITZER, Mirna; SILVA, Suzane Weber da. (Org). **Tempos de memória: vestígios, ressonâncias e mutações.** ABRACE. Porto Alegre: AGE, 2013.

IZQUIERDO, Ivan. **Memórias.** Estud. av. vol.3 no.6 São Paulo May/Aug. 1989.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade.** Revista Famecos. Porto Alegre, nº15, ago., 2001.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. **Brincadeira e conhecimento: do faz-de-conta à representação teatral.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

_____. SPRITZER, Mirna. **Teatro com jovens e adultos: princípios e práticas.** Porto Alegre: Mediação, 2012.

SANTOS, Sandro Vinícius S. dos. **Sociologia da infância: aproximações entre Willian Corsaro e Florestan Fernandes.** Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 5, nº 1, p. 117-139, jan/jun. 2014.

SARMENTO, Manuel. **Imaginário e Culturas da infância.** Instituto de Estudos da Crianças. Universidade do Minho, Portugal, 2002.

SOARES, Denildson de Oliveira. **Associação Castelinho Cultural Ninho dos Artistas: uma referência do trabalho cultural e social em Águas Lindas de Goiás.** 2012. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Programa Pró-Licenciatura em Teatro, Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

_____. Visibilidade Social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera M. R.; SARMENTO, Manuel J. (Org.). **Infância (In)visível.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2014.

VELOSO, Jorge das Graças. **Os saberes da cena e o recorte da Pedagogia do Teatro: uma possibilidade metodológica.** In: HARTMANN, Luciana e VELOSO, Jorge das Graças. O TEATRO E SUAS PEDAGOGIAS: práticas e reflexões. Brasília: Ed.da UnB, 2017.

_____. **Paradoxos e paradigmas: a etnocenologia, os saberes e seus léxicos.** Repertório: teatro e dança. Ano 19, Salvador, nº 26, p.88-94, 2016.1.

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO APLICADO DURANTE A REALIZAÇÃO DO ESTÁGIO 2

Entrevista sobre a infância e a ludicidade com jovens de 16 a 19 anos:

1. **Nome:** Uarles Yuri.
2. **Idade:** 17 anos.
3. **Sexo:** Masculino.
4. **Que tipo de criança você considera que foi?** Uma criança que conseguiu aproveitar tudo da infância. Acho que não faltou nada, consegui aproveitar tudo.
5. **Que palavra você usaria para remeter à infância?** Feliz.
6. **Se você pudesse voltar ao tempo, que idade você gostaria de ter? Por quê?** 7 anos. Porque foi a época que eu ganhei meu primeiro carrinho de controle.
7. **Um cheiro que remeta a sua infância?** Morango
8. **Uma cor?** Vermelho
9. **Um personagem?** Super-homem.
10. **Brincadeira preferida?** Pique-pega.
11. **O que você queria ser quando criança? Ainda quer?** Eu sempre quis ser policial. Hoje eu quero ser médico.
12. **Qual era seu medo na infância?** Eu morria de medo de escuro e de gente desconhecida.
13. **Um momento bom da infância?** Meu primeiro passeio com a família completa.
14. **Um momento ruim?** A morte de uma amiga muito próxima da família.
15. **Você mudaria alguma coisa da sua infância?** Não, não mudaria.
16. **Qual a importância que você acha que tem o lúdico na sua vida?** Eu sempre fui muito criativo. Acho que ainda trago muito da criatividade que tinha na infância.
17. **O que você pretende guardar com você da criança que você foi?** Eu era muito amigável. Depois que eu conheço a pessoa, isso desde pequeno, aí eu gosto e tenho facilidade para fazer amizade.

APÊNDICE 2

Autorização dos pais

Brasília, 23 de junho de 2017.

Prezados responsáveis,

A professora de Teatro da Bailacci Academia de Danças, Márjori de Lima Moreira, está realizando uma pesquisa que faz parte do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília. Para tanto ela está fazendo alguns registros através de fotografias e áudios dos alunos.

Para a divulgação da pesquisa é necessária a autorização por parte dos responsáveis dos alunos, para a apresentação de fotografias e áudios dos mesmos em eventos internos e externos à escola.

Segue abaixo a autorização, para o devido preenchimento e retorno à escola, caso concordem com a mesma. Esperamos contar com a colaboração de todos e estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,

Direção da escola

Márjori de Lima Moreira – Licencianda em Artes Cênicas

AUTORIZACAO

Autorizo a professora Márjori de Lima Moreira a apresentar fotografias e áudios do (a) aluno (a), sob minha responsabilidade, em atividades promovidas na Bailacci Academia de Danças, bem como eventos científicos e externos.

NOME DO ALUNO:

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL:
